

Arquivos pessoais e a produção de conhecimento em história literária

As redes internacionais de literatura no Acervo Ana Amélia de Queirós Carneiro de Mendonça

Personal archives and the knowledge production in literary history: the literature international nets in the Ana Amélia de Queirós Carneiro de Mendonça's collection / Archivos personales y producción de conocimiento en historia literaria: redes internacionales de literatura en el acervo de Ana Amélia de Queirós Carneiro de Mendonça

Bernardo Borges Buarque de Hollanda

Doutor em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUCRJ). Professor pesquisador da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Brasil.

bernardobuarque@gmail.com

RESUMO

Este artigo dimensiona os potenciais dos arquivos pessoais para uma história da literatura no século XX. O estudo de caso proposto é o acervo da poetisa parnasiana Ana Amélia de Queirós Carneiro de Mendonça (1896-1971). Nosso argumento propõe que o franqueamento público de seu acervo pessoal a partir do ano de 2019 permite redimensionar uma série de atividades de sua obra nas letras. O exercício analítico levanta dados documentais que atestam o reconhecimento internacional usufruído pela autora em vida.

Palavras-chave: arquivos pessoais; poetisa Ana Amélia; história literária; redes de sociabilidade na literatura.

ABSTRACT

This paper assesses the potential of personal archives for a history of literature in the 20th century. The proposed case study is the collection of the Parnassian poet Ana Amélia de Queirós Carneiro de Mendonça (1896-1971). Our argument proposes that the public disclosure of her personal collection since 2019 allows us to resize a series of activities related to her literary work. The analytical exercise raises documentary data that attest to the international recognition enjoyed by the author during her lifetime.

Keywords: personal archives; Ana Amélia's poetry; literary history; sociability net in literature.

RESUMEN

Este artículo considera el potencial de los archivos personales para una historia de la literatura en el siglo XX. El caso de estudio propuesto es la colección de la poeta parnasiana Ana Amélia de Queirós Carneiro de Mendonça (1896-1971). Nuestro argumento propone que la publicación de su colección personal a partir de 2019 permite redimensionar una serie de actividades en su obra literaria. El ejercicio analítico recoge datos documentales que dan fe del reconocimiento internacional del que gozó la autora durante su vida.

Palabras clave: archivos personales; poeta parnasiana Ana Amélia; historia literaria; redes de sociabilidad en la literatura.

Introdução

“O arquivo sempre foi um penhor e, como todo penhor, um penhor de futuro.”

Jacques Derrida

“Talvez, daqui por diante, passe a utilizar o recurso das cartas-circulares”

Fernando Sabino

Este artigo dá continuidade a pesquisas em torno de uma literata brasileira cujo escopo se enquadra no que intitulei: “Arquivos literários e história social da literatura no Brasil: o acervo da escritora Anna Amélia Carneiro de Mendonça” (Hollanda, 2023).¹ O primeiro manuscrito procurou situar o potencial exploratório do caso selecionado para a investigação: uma beletrista do Rio de Janeiro, Anna Amélia (1896-1971), cujo acervo encontra-se depositado desde 2010 na Casa Acervo da Fundação Getúlio Vargas (FGV Cpdoc), franqueado a partir de 2019 à consulta pública on-line por meio da base Accessus e do portal da mantenedora.²

Sua documentação oferece uma série de pistas e possibilidades de exploração temática catalogadas no acervo, entre elas Literatura – área por mim escolhida nessa primeira abordagem –, Militância Estudantil, Feminismo, Associativismo Institucional em sociedades beneficentes e estabelecimentos de ensino da capital da República (Rio de Janeiro).

Em alinhamento aos estudos de história literária e de história social da literatura no Brasil, tal como abordados por Francisco Foot Hardman (1992), Sidney Chalhoub (2003) e Leonardo Pereira (2016), entre outros, tratei, na primeira análise reflexiva do material arquivístico, do enquadramento e da pertinência da referida escritora entre os chamados “pré-modernistas” finiseculares e os ditos “antigos modernistas” de princípios do século XX. Em termos etário-geracionais, a personagem é contemporânea de Mário de Andrade (1893-1945) e de Oswald de Andrade (1890-1953). Assim, abordei a figura em exame de Anna Amélia numa tangente, ou numa certa contramão da história literária, com a exposição do percurso de uma poetisa parnasiana que se manteve aferada aos cânones clássicos de produção poética entre os anos de 1910 e 1930, em meio à viragem da chamada “ideologia modernista” (Fischer, 2022).

¹ Agradeço o parecerista anônimo cuja seriedade e precisão da leitura contribuiu ao melhoramento da versão final do manuscrito. Sou grato também aos colegas do projeto temático Faperj, intitulado “Arquivos, intelectuais e pensamento social: desafios teórico-metodológicos”, que fizeram comentários a uma primeira e bem embrionária versão do texto: João Marcelo Maia, Helga Gahyva, André Bittencourt e Thiago da Costa Lopes.

² Acesso em: https://docvirt.com/docreader.net/docmulti.aspx?bib=fgv_aacm.

O mote inspirador do argumento inicial consistiu então no entendimento do seu lugar datado na história da poesia brasileira e, por extensão, no ostracismo generalizado a que foram relegados seus demais escritos – ensaios, crônicas, literatura de viagem, traduções, entre outros textos – que atravessaram o século XX e se mantiveram à margem de reedições e de mecanismos editoriais de consagração subsequentes.

A exposição da trajetória e a interrogação da aparente ausência de recepção da autora em face da progressiva hegemonia adquirida pelo modernismo brasileiro no decurso do século passado permitem, no presente trabalho, uma nova incursão ao acervo da escritora, com o propósito de levantar fontes primárias capazes de trazer olhares sobre o caráter multifacetado da sua atuação e da sua produção. Está-se em face de correspondências, fotografias, bilhetes, diários, agendas, documentos oficiais, cartões postais, cujos suportes vão do manuscrito ao impresso, deste último ao visual, e que ensejam mais investimentos de pesquisa em história literária.

Para tanto, meu interesse assenta a seguir em outra mirada acerca da mesma documentação. Se a inspiração da primeira investida (Hollanda, 2023) foi a tradicional discussão acerca da posição modernista hegemônica no cenário das letras nacionais, e do consequente escanteamento da produção de Anna Amélia do cânon na historiografia da literatura – pode-se dizer que um ou outro poema de sua lavra tenha sobrevivido em livros escolares ou no âmbito da crítica acadêmica –, a proposta desta versão consiste em observar as redes internacionais estabelecidas pela autora. Tal angulação dá-se no âmbito específico das letras, de modo a contornar, pois, outras frentes de atividades desenvolvidas pela titular do fundo nas viagens ao exterior ao longo da vida.

De formação tradicional, erudita e cosmopolita ao extremo, a polígrafa belettrista – segundo a reiterada dicção miceliana, em sua mais recente abordagem dos modernistas mineiros (Miceli, 2022) – foi criada em uma usina ferrífera em Minas Gerais e não cursou a graduação. Essa ausência de titulação não se deve, por suposto, à falta de oportunidades, mas a uma característica da primeira metade do século XX, em que a presença das mulheres nas faculdades era incomum. Não obstante, ela investiu boa parte de seu capital social na contribuição à institucionalização do ensino universitário no país, por meio da criação e presidência da Casa do Estudante do Brasil, em 1929.

Tal engajamento na vida letrada e ilustrada nacional – conhecida sob o status de “madrinha” ou “rainha” dos estudantes desde fins dos anos 1920 – coexistiu com uma intensa interlocução com pessoas, agências e associações internacionais. Tal coexistência proporcionou sua participação em inúmeros congressos e encontros relativos à agenda dos associativismos feminino, estudantil e artístico-cultural da época, alguns mais, outros menos conhecidos nos dias de hoje.

O recorte necessário para o presente artigo são os elos literários estabelecidos fora do país e o entendimento dos “ecossistemas” (Gomes, 1993) da literatura a que se filiou em diferentes configurações históricas, em particular as duas décadas do entreguerras (1919-1939) e o pós-Segunda Guerra (pós-1945), equivalente a três decênios de Guerra Fria, portanto, se se considera seu falecimento no ano de 1971. Sendo um *work in progress* no escrutínio de um volumoso acervo, a limitação de espaço para essa nova investida arquivística contrasta com a riqueza fragmentária e intervalar do material existente – aliás, uma característica constitutiva da lida com os próprios arquivos pessoais –, o que implica uma abordagem exploratória do tema. Faz-se necessário, pois, justificar sua generalidade para futuros aprofundamentos, desdobramentos e amadurecimentos posteriores que permitam mais rendimentos analíticos.

Destarte, em vista do tema e do escopo, o artigo baliza-se em três partes. A primeira seção denomina-se “Repensando os arquivos pessoais” e procura traçar uma breve descrição da natureza do acervo literário em tela e da questão mais geral da pesquisa arquivística quando se trata de escritores e intelectuais.

Já a segunda, intitulada “Ana Amélia e o índice literatura”, dedica-se à identificação das redes estabelecidas pela titular com escritores e intelectuais, com casas editoriais e com universidades, com associações e movimentos de literatos existentes fora do país, em especial com os três eixos mais importantes até aqui mapeados: a rede panamericana (em especial, decerto, a procedente dos Estados Unidos); a rede ibero-americana (com destaque para interlocutores na Espanha, na Argentina e no Uruguai) e a rede lusófona (Portugal e, de modo destacado, uma profícua troca em suas colônias em África – primeiro Moçambique, depois Angola).

O terceiro e último item – “Internacionalizações da literatura” – busca trazer uma amostra das evidências documentais desses contatos literários no exterior. Aportam-se elementos para que seja possível compreender, conquanto de forma indiciária, as motivações para tais contatos e comunicações, intercâmbios, negócios e alianças fora do país. Procura-se dar a conhecer a amplitude de tais conexões e a trajetória vivenciada por Ana Amélia na teia internacional de relações sociais por ela estabelecida numa longa duração de quase cinco décadas, em meio a continuidades e descontinuidades, a deslocamentos e aprofundamentos nesse processo de internacionalização da vida literária de meados do século passado.

Desenvolve-se assim a hipótese segundo a qual os arquivos permitem desconfinar, e desconfiar, de uma historiografia literária que limita a titular a um gênero e a um estilo de escrita de uma geração tida por datada após a longa voga do modernismo. Evidencia-se em paralelo a continuidade proativa da atuação da autora nas letras, com o reconhecimento dos pares no exterior, bem como

dos agentes acadêmicos e editoriais envolvidos no mercado de livros e na circulação de ideias em nível internacional. Procura-se destacar, ademais, a contribuição de Ana Amélia para a superação de uma tradição historiográfica de dicção nacionalista, reivindicada por muitos autores associados ao estabelecimento do cânon da literatura brasileira moderna.

Repensando os arquivos pessoais: positivismo e hermenêutica

O primeiro ponto a considerar é que o repositório de documentos da autora parte de um arranjo previamente definido pela instituição mantenedora do fundo Ana Amélia, a Casa Acervo da FGV/Cpdoc. Como se sabe, desde os idos de 1970, esse centro de documentação da Fundação Getúlio Vargas desenvolve um protocolo de guarda, conservação e difusão de acervos pessoais, que nos dias de hoje ultrapassam duas centenas de titulares e que, de início, se caracterizou pelo espólio das elites políticas do país.

Sob sua custódia, tais documentos passaram por uma metodologia de armazenamento arquivístico, cujo padrão é definido e redefinido conforme a passagem do tempo e *pari passu* à introdução de novos suportes e consensos institucionais (Castro, Sporh, Blank, 2024). Trata-se, em princípio, de uma technicalidade, uma preocupação de ordem arquivística para reunião, acomodação e classificação que passa pela criação de um *standard*, em consonância com os preceitos positivos mais gerais da arquivologia, em nível nacional e internacional.

Depois das primeiras versões estabelecidas na década de 1980, a referida coordenação do setor de Documentação publicou em fins dos anos 1990 o livro *Metodologia de organização de acervos pessoais: a experiência do Cpdoc* (1998). A brochura tem cinquenta páginas e volta-se à orientação geral das diretrizes para a lida com os documentos impressos e não impressos, sejam estes sonoros, visuais e audiovisuais, com prescrições da definição do arranjo, do modo de notação dos materiais e das orientações para elaboração dos inventários, entre outras normativas gerais para procedimentos classificatórios.

Tais métodos são significativos do tipo de trabalho arquivístico rotinizado no FGV/ Cpdoc até então – fins dos anos 1990 –, mas também sinalizam para mudanças incorporadas ao *modus operandi* de recepção dos materiais manuscritos e datiloscritos, impressos e imagéticos no período subsequente, o século XXI, à medida que novas doações ocorrem e novas frentes são delineadas, haja vista a incorporação progressiva de acervos pessoais de mulheres e de cientistas sociais ao escopo da instituição. Some-se a isso a ampliação dos marcadores de gênero e dos profissionais oriundos das áreas de antropologia, ciência política,

história e sociologia. Na instituição em questão, a assimetria entre os fundos de figuras masculinas e femininas sempre foi acentuada, mas, no contexto atual, a preocupação com uma diminuição dessa desproporcionalidade encontra-se no horizonte e tem sido parte da política de recebimento de novos acervos.

Há ainda os desafios contemporâneos impostos pelo crescente processo de digitalização e de adoção dos metadados na salvaguarda documental da FGV, cujo perfil dos titulares, como igualmente é sabido, abrange uma tradição de personalidades da elite política e jurídica, social e intelectual do Brasil.

O espólio doado pela família de Ana Amélia foi catalogado ao longo dos anos 2010 e se tornou público apenas no último quadriênio. Quando se acessa a plataforma, encontra-se um certo nível de padronização de antemão consensuado pela equipe responsável, válido em princípio para todo e qualquer titular. A equipe organizadora, por seu turno, manipula, arranja e dispõe tal acervo com base numa primeira disposição e seleção definida pelos herdeiros, filhos e netos, cujos critérios são desconhecidos, com grau de interferência do titular variável, colocando em questão uma segunda camada de motivações e intervenções. Em razão disso, nos últimos anos, a doação é acompanhada de uma entrevista de história oral com os doadores, a fim de aclarar as circunstâncias e as características do material entregue.

Com efeito, chega-se assim àquilo que o pesquisador visualiza como resultado final na tela, via on-line, ao realizar o mecanismo de busca nesse fundo. Em se tratando do acervo de Ana Amélia, dá-se a saber seu apanhado numérico, para dimensionamento quantitativo: há no total 7.326 páginas à disposição do consulente, divididas entre seis rubricas principais. A primeira intitula-se “Literatura” e lidera a quantidade de documentos, com 595 itens, que perfazem por sua vez 2.687 páginas. Isso já evidencia a importância desse eixo temático no conjunto do acervo, a compor pouco mais de um terço do material.

A seção “Vida privada” vem em seguida, com 2.569 páginas, outra evidência de quão importante tal esfera se mostra na trajetória da personagem. Em patamar bem inferior vêm os quatro demais descritores ordenados, a saber: “Militância estudantil”, com 601 páginas digitalizadas; “Militância feminista”, com 590; “Participação e colaboração em associações, órgãos e institutos”, com 505; por último, com 374 páginas, consta “Documentos póstumos”.

A suposta equivalência entre trajetória de vida e representação arquivística encobre o fato de que há várias mediações configuradoras do arquivo arquivado. A seção “Vida privada” é volumosa no arranjo adotado, mas se está ciente de que não significa necessariamente uma esfera privada relevante ou especial no caso da personagem em questão. Uma hipótese seria o zelo na guarda de documentos

afeitos a essa dimensão, cabendo ainda analisar a classificação dessa rubrica, o que escapa ao propósito específico deste artigo. Entrementes, vale considerar as decisões forçadas na lida dos profissionais com os documentos, bem como os efeitos do acesso às informações por meio de sistema informatizado.

Essa, vamos assim dizer, é a epiderme do que se vê ao aceder o arquivo da titular. Subjacente ao dado positivo, e em âmbito reflexivo mais amplo, há inúmeras dimensões de um acervo pessoal a perquirir. Isso se distende desde o arquivamento de si e da forja de uma imagem da intimidade, conforme sugere Artières (1998), até os silêncios, a hermenêutica e os não ditos constantes das relações de dominação que uma instância legitimadora de poder concede ao se apropriar de tal material.

A pesquisadora Constância Lima Duarte (2007) apela à necessidade de ler nas entrelinhas do arquivo, com a detecção da presença do que se dá à vista do investigador, mas igualmente sugere que cabe interpelar as ausências, os silenciamentos e seu caráter heterogêneo. Já o pesquisador Reinaldo Marques, no empenho de uma definição não objetiva de “arquivo literário” e de seus respectivos fundos documentais, salienta que se trata de “uma mescla de biblioteca, arquivo e museu, ou a natureza de muitos de seus documentos, como rastros da atividade escritural de um autor de literatura” (2015, p. 12).

São notórias nas últimas décadas as contribuições de Roger Chartier (2016) e de outros membros da historiografia do livro, das práticas de leitura e do impresso, método interrogativo de suportes textuais cujo modo de prospecção e análise pode ser estendido à tessitura dos arquivos pessoais. Eles oferecem estudos que desnudam a materialidade do objeto de leitura, a cadeia de interrelações sociais a ele associadas e o processo coletivo interveniente na produção e na fatura de uma obra.

Tal legado historiográfico dos anos 1980 reverbera de maneira semelhante quando se trata de arquivos literários. Outra frente advém da área de letras e dos estudos culturais de modo geral. Por exemplo, em dicção benjaminiana, como o fazem Cléber Cabral e Marcelino Rodrigues da Silva (2018), autores ligados aos estudos literários e ao Acervo de Escritores Mineiros (AEM/UFGM), também se podem interpelar as figurações de um escrito e a aura do seu arquivo correspondente com atenção à eloquência dos restos, dos rastros e dos registros soterrados do passado.

Outro contributo pontual a assinalar em abordagem não positivista e reificada dos arquivos diz respeito à discussão sobre uma suposta coesão ilusória de um material arquivado, constituinte de um fundo. Essa dimensão ganha projeção no caso de Ana Amélia. Sua família, em particular a neta Priscilla Scott

Bueno, se esmerou na conservação da memória genealógica e conferiu unidade à salvaguarda da documentação pessoal. Considere-se que o acervo de Ana Amélia figura não à sombra, mas ao lado do de seu marido, o historiador e colecionador Marcos Carneiro de Mendonça (1894-1988). Em que pese esse reconhecimento, para fins de análise e crítica, tal relação não deve ser aceita nem tomada como dado.

Tal qual a “escrita de si”, o ato de “arquivar a própria vida” (Artières, 1998) contrapõe acervos entendidos por “íntegros” e aqueles cuja dispersão e fragmentação interinstitucional lhes valem o epíteto de “parciais”. Aqui se pode aventar um contraste classista mais genérico entre escritores de elite, mais capazes de conferir unidade à sua memória e a seu registro escrito, e aqueles egressos das classes populares, em princípio com menor capacidade de se preocupar com o destino de sua obra, poderia ser sugerido como tendência. Uma especulação tenderia a presumir que o primeiro tipo de arquivo seria *a priori* um facilitador de um trabalho investigativo, haja vista sua concentração em um único repositório e a prévia organização de seus metadados.

Sem embargo, no limite, há variáveis, exceções e tudo sempre depende do foco da pesquisa e do investigado em questão. Sabe-se ademais que tal contraste elite/popular não é uma regra nem constitui o único parâmetro de contraponto na experiência com arquivos. Isso teria de ser analisado caso a caso, haja vista que tanto uma Clarice Lispector quanto uma Carolina Maria de Jesus, para ficar com apenas um exemplo contrastivo de classes sociais em voga na cena contemporânea, têm seus pertences arquivísticos igualmente diluídos em diferentes cidades, equipamentos e instituições, por razões que não cabem nesse momento discutir.

De todo modo, feito esse arrazoado do caráter técnico-positivo de um arquivo, quando visto como o simples ato de receber, organizar e difundir, bem como de seu contraponto interpretativo-hermenêutico na abordagem de acervos literários, em particular os vestígios escritos e imagéticos de Ana Amélia, passemos à descrição do material sob sua guarda. As limitações de espaço para esse levantamento tornam o que se apresenta a seguir descritivo, uma forma ainda de pavimentar o caminho para a elaboração do recorte e do argumento do acervo como um espaço para produção de conhecimento em história literária.

Ana Amélia e o *index* literatura

Conforme dito na seção anterior, são seis classificações constitutivas do arranjo institucional de Ana Amélia. Nele, a rubrica literatura destaca-se em termos de incidência quantitativa, com a reunião da maior parcela de documentos, a perfazer mais de 1/3 do volume de páginas que dele consta. Em nossa primeira incursão, o foco da pesquisa compulsionou os textos e as imagens desse descritor, a fim de incidir na compreensão da produção poética da escritora e no entendimento da sua classificação de poetisa parnasiano-beletrista, com seu progressivo alheamento da história da literatura canônica na segunda metade do século XX.

Nosso ponto detectou que, se a historiografia assim condicionou uma contemporânea de geração da *avant-garde* modernista, sua posição lateral não a afastou de uma intensa vivência e proatividade em inúmeros “ecossistemas literários” de seu tempo, da Academia Brasileira de Letras (ABL), cuja eleição como primeira mulher a ser eleita foi cogitada nos idos de 1930 – o que só viria a acontecer nos idos de 1970 com a posse de Raquel de Queirós –, ao Instituto Histórico-Geográfico Brasileiro (IHGB), onde circulou até seu falecimento, em 1971. Junto aos vínculos institucionais, seu trânsito incluiu o contato com personalidades da vida cultural e da literatura nacional, seja esta a modernista ou a contemporânea.

Se em outra ocasião, já citada neste artigo, fizemos alusão às suas trocas com Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira nos eventos da sociabilidade letrada do Rio de Janeiro de então, podemos agora mencionar outros três personagens que emergem no pós-Segunda Guerra. A consulta às fontes primárias de Ana Amélia mostra graus de relacionamento, e mesmo de admiração pela poetisa e tradutora, manifestada pelo professor catedrático Afrânio Coutinho – expoente do *new criticism* estadunidense no Brasil –, pela escritora paulistana Lygia Fagundes Telles, estreante no romance em 1954, com *Ciranda de pedra*, e pelo então jovem poeta alagoano Ledo Ivo, filiado à Geração de 45.

Contudo, para o presente texto, inscrito por sua vez num dossiê temático, considero oportuna uma mudança de foco, com um mapeamento literário em nível internacional, uma vez que o cosmopolitismo é um dos seus principais traços distintivos, quando se considera seu pertencimento de classe e sua bagagem cultural. De acordo com o que vimos insistindo, trata-se de uma herdeira de elites econômico-culturais oriundas de Minas Gerais, sendo o pai um usineiro, explorador de minérios e pioneiro da siderurgia nacional, batizado e iconizado no seio da família Queirós como “o bandeirante do ferro” (Mendonça, 1970).

Por meio do acervo e de dados biográficos disponíveis, o traço cosmopolita se revela para além das origens sociais, em função de competências linguísticas

adquiridas desde a educação infantil no espaço familiar privado, com a aprendizagem e fluência no inglês, no francês e no alemão; em virtude de um contato e de uma familiaridade incomuns com a pletora de textos clássicos da literatura, em especial a tradição francófona e anglo-saxã; e em razão da série de viagens à Europa e aos berços civilizatórios – Egito, Índia, Grécia, Israel, Turquia, entre outras paragens de Ocidente e Oriente –, iniciadas na década de 1930.

O périplo ao exterior levou à elaboração de um caudaloso diário de viagens, que ocupa parte expressiva do material encontrado no acervo. As centenas de páginas datilografadas são a base para a publicação póstuma do livro sugestivamente intitulado *Quatro pedaços do planeta no tempo do zeppelin* (1976). O acervo dá acesso ainda a um conjunto fotográfico não publicado no livro, mas que documenta as cidades e os países percorridos nessa longa jornada, constituindo uma fonte complementar rica para a interpelação dos relatos.

A partir da década de 1930 também, a circulação internacional de Ana Amélia atrela-se a seu engajamento institucional em organizações de educação, de filantropia e de adesão ao feminismo. Tal mobilização resulta em laços de amizade e em tratativas profissionais em Portugal, por meio de convites para palestras e para uma série de contatos nas colônias africanas portuguesas de Moçambique e Angola. O destino a países centrais europeus (França e Inglaterra) também se verifica, mas avultam em especial seus relacionamentos intelectuais e editoriais no continente americano, na esteira de um ideário pan-americanista, característico de projetos geopolíticos e relações internacionais mais amplas na primeira metade do século XX (Castro, 2007).

Ao longo das décadas, a escritora viaja para as Américas do Sul (precisamente Argentina, Uruguai, Chile e Peru), Central e do Norte, em especial aos Estados Unidos, onde constitui um impressionante número de contatos, seja com editores e escritores, seja com professores universitários das mais diversas cidades norte-americanas. Conforme se depreende da leitura do arquivo em questão, as correspondências originam-se de formas variadas, ora por iniciativa de Ana Amélia ou pelo interesse dos remetentes, ora pela comunicação estabelecida no rastro dessas viagens.

O deslocamento de nosso olhar da esfera nacional para a internacional advém da identificação de documentos sinalizadores nesse sentido, à medida que o material é acessado. Consoante a observação acima, isso se torna mais evidente na permuta de cartas (só acessamos a passiva, isto é, as recebidas por Ana Amélia, uma limitação do próprio processo de arquivamento dos fundos privados) com agentes e instituições no exterior. Uma vez consultado, o potencial do material concentra-se no diálogo da autora com pares e interlocutores nos

Estados Unidos, em Portugal e na Argentina, entre outros. Nesses países, as pistas para o mapeamento de contatos e para a proposição de redes de intercâmbio literário não são exclusivas, mas se mostram mais promissoras, com o reconhecimento explícito do valor de sua literatura.

No entanto, a quantidade de documentos compulsados permite fazer um levantamento e amadurecer seu objeto e sua questão central. Desse modo, ante a contingência espacial para o recorte de um artigo, proponho-me a seguir dar a conhecer uma seleção amostral das fontes primárias levantada no acervo. Com efeito, visa-se indicar o tipo de *network* constituído fora do Brasil pela trajetória de Ana Amélia, em meio a um empenho cosmopolita de participar de certa “república mundial das letras” e de praticar seu “internacionalismo literário” (Casanova, 2002), nos padrões em que os meios de transporte e de comunicação evoluíram e se configuravam no decorrer do século XX.

Sendo assim, antes de apresentar o mostruário selecionado, é necessário informar que o índice “literatura” se compõe de dez pastas, que, por sua vez, abrigam quase seiscentos documentos dispostos em um total de 2.687 páginas, sob organização cronológica, dos anos 1910 em diante. Parte expressiva deles é composta dos manuscritos, dos datiloscritos e das impressões da autora na redação de seus versos, com as anotações, rasuras e reescritas que permitem um escrutínio de crítica genética e epistolografia (Malatian, 2009), tal como praticado desde os anos 1960 no IEB/USP, seguido de instituições congêneres, e que denotam o processo criativo de produção textual da redação até a fase ulterior da publicação.

Muitos poemas estão escaneados de forma avulsa, ou carecem de título, de modo que algumas vezes apenas um trabalho de cruzamento de livros possibilita, por assim dizer, “matar a charada”, identificando a que obra tal poesia pertence. Esse por certo não é nosso intuito agora, mas a informação é válida para uma compreensão dos meandros e das lacunas, das serendipidades e das vicissitudes inerentes à produção do conhecimento na lida com acervos pessoais.

A consulta contempla ainda outra gama de poemas, que indiciam se tratar da tarefa de tradução de poetas estrangeiros, a exemplo de Shakespeare, de John Keats ou da condessa de Nouailles. Notam-se ademais poesias redigidas em francês e em inglês pela própria autora, que também tem o hábito de dedicar seus versos a familiares ou a figuras públicas, num rastreamento igualmente importante na sua filiação afetivo-intelectual.

Junto à poesia, há textos em prosa de diferentes matizes, que se observam pela própria variedade de tamanhos dos suportes e de escrita, isto é, os papéis, os rascunhos, as rasuras, os bilhetes e a caligrafia de quem endereça à

destinatária, conforme observado na documentação da titular. Existe uma variação temática também, com escritos evocativos, históricos, ficcionais, pedagógicos, entre outros. A disposição da documentação em formato sequencial de cronologia ajuda também a acompanhar certa “evolução” ou sucessão dos textos, com início já na mocidade da autora, ainda nos idos de 1910.

No tocante em específico às correspondências, vale insistir que se tem apenas acesso à comunicação passiva, isto é, àquilo que Ana Amélia recebeu e arquivou em vida, guardado por seus pósteros, sem que possamos seguir sua correspondência ativa, impedindo um acompanhamento do fluxo mais completo da cadeia comunicativa entre missivas enviadas e recebidas.

Internacionalizações da literatura

A matéria desta terceira e última seção procura dar a conhecer uma amostra de documentos que sinalizam para contatos, alianças e redes internacionais em cujo centro estão os intercâmbios literário-profissionais. Conforme já mencionado na introdução, são três as linhas de força articuladas no exterior por Ana Amélia, o que delinheio aqui como: a panamericana, a ibero-americana e a lusófona. Para fins de exposição, atenho-me a seguir à reprodução da documentação correspondente ao primeiro vetor (panamericano). De outra forma, o compartilhamento dessas fontes se tornaria tão extenso quanto incompatível com o espaço do manuscrito. Entendo, pois, que a reprodução dos documentos e o esclarecimento de quem são os agentes, as instituições e as situações com as quais a literata interage são tarefas suficientes para fins demonstrativos do artigo.

A natureza “passiva” da correspondência implica o reconhecimento de uma ampla polifonia de remetentes. Em muitos casos há pessoas e circunstâncias difíceis de identificação e esclarecimento. Há aqueles materiais cujos temas imiscuem a literatura com outros engajamentos de Ana Amélia, a exemplo de suas ações em frentes feministas, beneficentes e educacionais. Existem documentos de claro teor oficial e/ou diplomático, tais quais os convites de governos e embaixadas. Há igualmente fontes de caráter comercial ou pragmático, quando está em jogo a negociação de um livro ou a encomenda de uma editora.

Verifica-se de igual modo cartas mais íntimas e pessoais, ou recepção de obras publicadas, na mesma proporção em que outras trazem correspondentes anônimos a relatar sensações de leitura. Aliás, guardadas as devidas proporções, esse último aspecto pode ser associado *en passant* ao estudo do historiador Robert Darnton sobre Rousseau e a sensibilidade rousseauiana vis-à-vis das cartas trocadas com seus leitores acerca da avaliação de seus romances (1986).

Retirada do pedestal iluminista, a obra do pensador genebrino adquire outra dimensão, quando se considera amiúde sua interação com seu círculo de leitores e a recepção, vamos dizer, a quente de seus livros junto ao público. Tal diálogo epistolar foi valorizado por Darnton, que o destrinchou a fim de repensar o pensamento rousseauiano, em particular, e o próprio iluminismo, em sentido histórico mais amplo.

Esse é um ponto que chama a atenção igualmente no estudo das cartas recebidas de fora do país por Ana Amélia. À medida que os livros de poemas são publicados entre as décadas de 1930 e 1960, percebe-se o empenho da autora no endereçamento das publicações ao exterior, com a chegada dos seus livros recém-lançados às mãos de determinadas pessoas de diferentes quadrantes do globo. As centenas de cartas demandam um exame um a um para identificar os personagens com quem se comunica, sua incidência episódica ou regular, o tipo de relação, entre outras grades classificatórias.

A documentação epistolar dá, pois, elementos para compreender como a circulação dos livros no raio de sociabilidades da autora ocorre tanto em nível interno quanto externo. Com efeito, pouco a pouco, nota-se a recepção das obras enviadas, seja em função dos códigos de etiqueta para a contrapartida do agradecimento a uma remissão, seja com cartas mais longas a compartilhar comentários, análises e impressões de leitura.

A diversidade da sua rede epistolar vai de uma leitora desconhecida de Diamantina, ou de uma diretora escolar de Cuiabá, a solicitar um exemplar do novo livro para a biblioteca local, até uma carta do ministro João Neves da Fontoura ou de um crítico literário, hoje em dia pouco lembrado, do valor de Osvaldino Marques, a tratar da qualidade dos poemas, via de regra em tom elogioso. A mesma amplitude de pessoas e a mesma latitude de lugares valem para o cenário internacional, de que nos ocupamos de arrolar abaixo.

Esta seção final apresenta, pois, alguns exemplos do mostruário de materiais brutos que despertaram a atenção do pesquisador interessado em fontes primárias da literata, tomadas como indícios férteis, com uma disposição em forma de listagem e sequenciada face ao levantamento e as contingências de espaço. Trata-se assim de uma seleção de seis cartas avulsas endereçadas dos Estados Unidos à autora. A ideia é apresentar um exame de centenas de documentos similares, para que sejam possíveis, em momento oportuno, desdobramentos e continuação sistematizada deste estudo.

Documentos de uma rede estadunidense ou panamericana

1. Carta datada de 1940, em que professor da Universidade de Stanford, cuja grafia não se logrou identificar, retoma contato com Ana Amélia para envio da edição reimpressa do livro *The handbook of Latin American studies*, em particular a sua seção de história. O remetente informa que coordena a subseção “História do Brasil”. Após um primeiro parágrafo em que discorre sobre a razão formal para a carta, a mensagem adentra em aspectos aparentemente secundários, mas não menos importantes numa correspondência: primeiro sugere que houve uma visita anterior do professor norte-americano ao Brasil e, depois, assinala que tem planos para nova viagem, no final de 1941, com a expectativa de um encontro presencial.

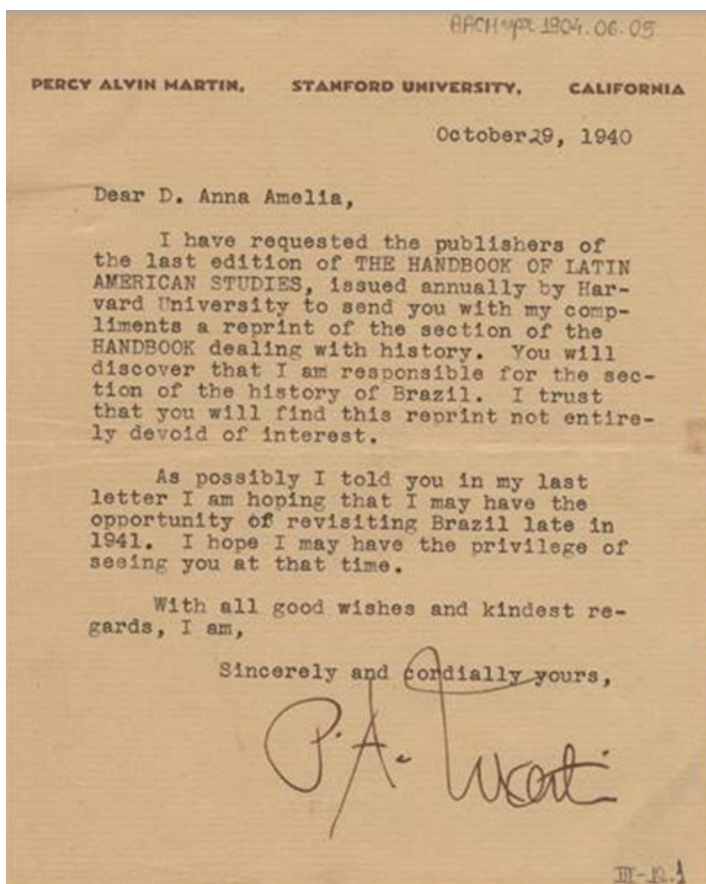


Figura 1 - Carta de Percy Alvin Martin a Ana Amélia de Queirós Carneiro de Mendonça. Fonte: Cpdoc/FGV. Disponível em: https://docvirt.com/docreader.net/AACM_vpr/442

SEM NOME

Arquivos pessoais e a produção de conhecimento em história literária: as redes internacionais de literatura no Acervo Ana Amélia de Queirós Carneiro de Mendonça

2. Carta de 1942, endereçada pelo prestigiado editor novaiorquino Alfred A. Knopf à titular. O documento relata o agendamento de sua primeira ida ao Brasil e informa a recomendação do nome de Ana Amélia por uma terceira pessoa, conhecida em comum, donde se infere se tratar do primeiro contato via cartas entre ambos. Knopf dá a entender que a sua visita busca contatos para a organização de futuras edições introdutórias da literatura brasileira nos Estados Unidos e que a destinatária pode ser uma boa guia na identificação desses respectivos livros e autores, o que justifica o início da comunicação escrita e o futuro encontro presencial entre os dois.

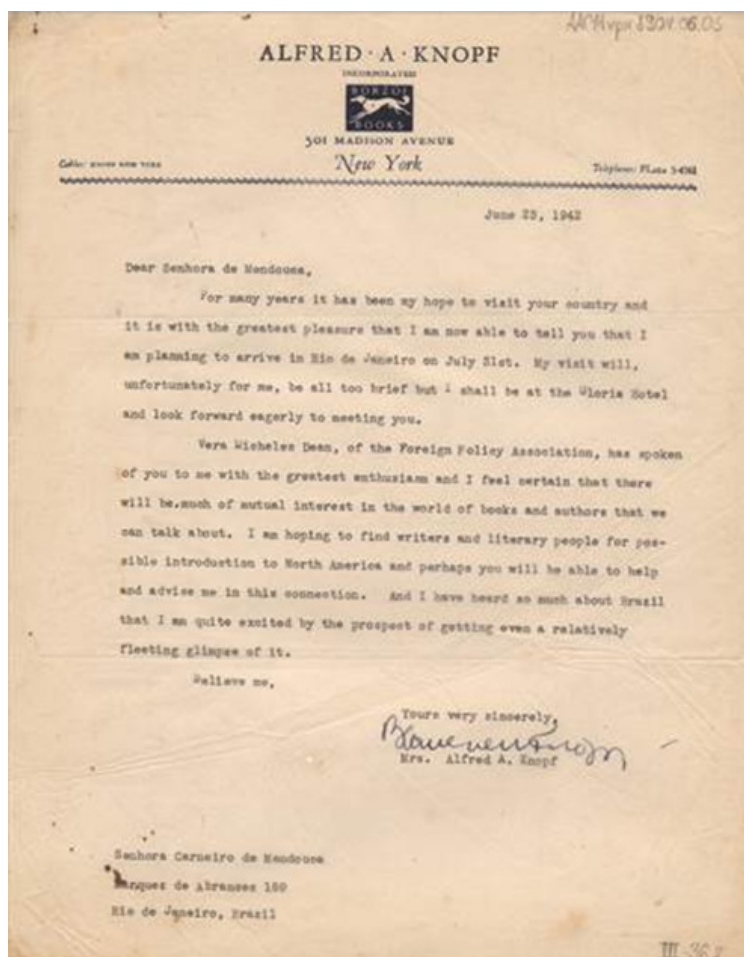


Figura 2 - Carta de Alfred A. Knopf a Ana Amélia de Queirós Carneiro de Mendonça. Fonte: Cpdoc/FGV. Disponível em: https://docvirt.com/docreader.net/AACM_vpr/495

3. Representante da Biblioteca do Congresso de Washington, Robert C. Smith, envia carta de agradecimento pela gravação em áudio de Ana Amélia. Lamenta apenas a impossibilidade de gravar um disco com suas poesias. O assunto da missiva parece versar sobre um programa sonoro de depoimentos do que viria a se chamar “história oral”, cujas origens remontam justamente a meados do século XX, nos EUA, em particular na Universidade de Columbia.

A postagem remetida de Washington a Nova Iorque permite aduzir que Ana Amélia estivera em viagem recente à capital norte-americana, mas se desconhecem informações sobre a mediação com essa “Fundação Hispânica” – divisão criada em 1927 na “Library of Congress”, por Archer M. Huntington –, conforme constam nos créditos do papel timbrado. Detalhe curioso da fonte: ao colocar no cabeçalho a chamada em português, com as expressões “minha querida” e “senhora”, o remetente denota uma postura ambivalente ao mesmo tempo de proximidade e de formalidade para com a interlocutora.



Figura 3 - Carta de Robert C. Smith a Ana Amélia de Queirós Carneiro de Mendonça. Fonte: Cpdoc/FGV. Disponível em: https://docvirt.com/docreader.net/AACM_vpr/508

4. Outra missiva de Nova Iorque, datada de 1943 e assinada pelo editor responsável pela Enciclopédia Biográfica do Mundo, C. A. Nichols. Conforme indica seu subtítulo, trata-se de ambicioso projeto de biografias de personalidades vivas notáveis – homens e mulheres (nota-se a ênfase na equidade de gêneros) –, encabeçado pelo Instituto de Pesquisas em Biografias, órgão criado por sua vez há cerca de uma década. A mensagem aborda o verbete editado de Ana Amélia, cuja revisão prévia à publicação da terceira edição no ano seguinte é solicitada.

Há assim na mensagem um tom mais técnico-pragmático de encaminhamento de um texto para publicação, sem sugerir reciprocidades que vão além dos termos apostos no conteúdo. É possível a existência de correspondências prévias que rastreiem o histórico desse processo de convite a colaborar com uma obra que contém em si o reconhecimento de Ana Amélia como uma personalidade cultural de alcance internacional.

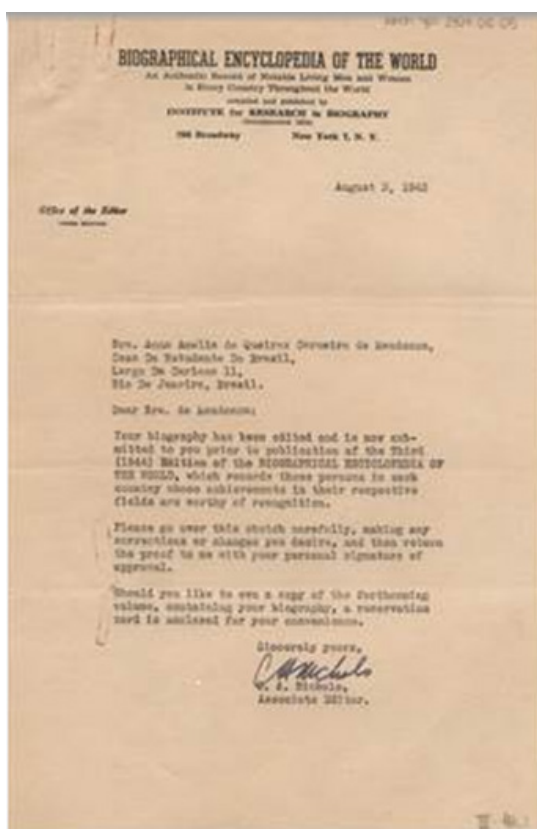


Figura 4 - Carta de C. A. Nichols a Ana Amélia de Queirós Carneiro de Mendonça. Fonte: Cpdoc/FGV. Disponível em: https://docvirt.com/docreader.net/AACM_vpr/525

5. Na sequência das correspondências novaiorquinas, uma carta endereçada da icônica Quinta Avenida por R. Rockert, data do mesmo mês e do mesmo ano da anterior, agosto de 1943. Ela chama a atenção porque se trata de instituições diferentes, apesar das semelhanças temáticas e de uma similaridade notável na proposta de “dicionarizar” Ana Amélia. Dessa feita, o projeto intitula-se, em tradução livre, “Quem é quem no hemisfério ocidental” e apresenta timbres identificadores, que cancelam sua origem: à margem superior esquerda, distingue-se um conselho consultivo diversificado, que envolve universidades estadunidenses e latino-americanas, setores e ocupações distintas – jornalismo, relações internacionais, medicina, além de uma câmara do comércio equatoriano-americana.

O papel timbrado indica em sua posição inferior, no meio da página, o escopo do projeto: uma enciclopédia biográfica com o propósito de fomentar a integração, a solidariedade e a relação cultural panamericana. Obviamente a proposta alinha-se às diretrizes preconizadas pela chamada “política da boa vizinhança” entre Américas do Norte e do Sul. O editor faz remissão à autora de modo distante e formal, a observar a inclusão de seu nome na enciclopédia e a mencionar o extravio ou a ausência de retorno da titular face à missiva anterior, e orienta os desdobramentos do processo, caso a brasileira tenha interesse.

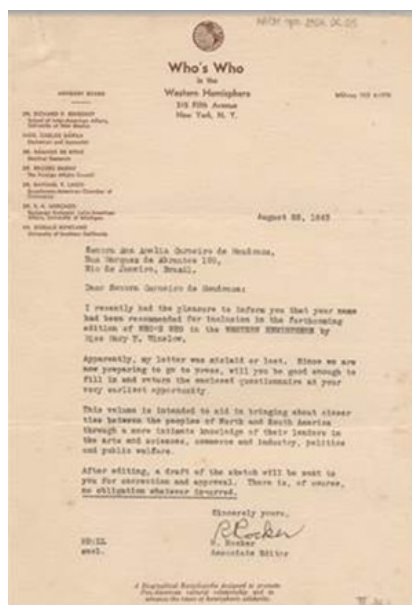


Figura 5 - Carta de R. Rocker a Ana Amélia de Queirós Carneiro de Mendonça. Fonte: Cpdoc/FGV. Disponível em: https://docvirt.com/docreader.net/AACM_vpr/528

6. Por fim, a sexta carta selecionada de New York para a poeta provém do escritório da presidência do Teachers College, faculdade vinculada à Universidade de Columbia, sob assinatura de William F. Russell. A data é mais distante das anteriores e remonta ao cenário de um decênio depois, 1953. O texto se sucede a um encontro presencial em que o remetente relata passagem pelo Brasil, junto com sua esposa, e acolhida hospitaleira por parte da destinatária. Essa é reconhecida por formalidade mais amena, “dona Ana Amélia”, que o recebeu na sede da Casa do Estudante do Brasil e em sua residência, na Zona Sul do Rio de Janeiro.

Se o endereçamento das cartas anteriores se destinava à rua Marques de Abrantes, no bairro do Flamengo, sabe-se que nos anos 1950 a escritora já morava em seu solar no Cosme Velho, conquanto os nomes dos bairros venham datilografados erroneamente, à americana. O caráter memorável do encontro é destacado pela coleção de livros e de porcelana do casal Carneiro de Mendonça, sem contar a experiência de jogar uma partida de futebol (embora não empregue a palavra soccer) em que sua equipe saiu derrotada. Em adendo, alude à viagem da autora à capital uruguaia.

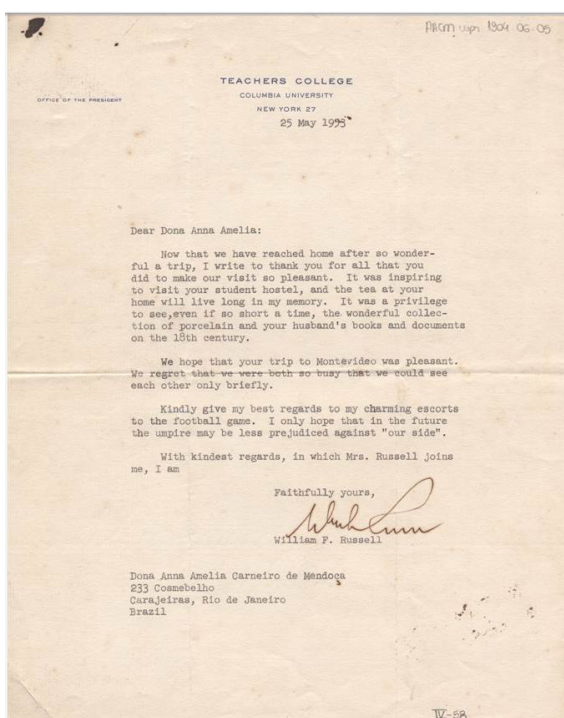


Figura 6 - Carta de William F. Russell a Ana Amélia de Queirós Carneiro de Mendonça. Fonte: Cpdoc/FGV. Disponível em: https://docvirt.com/docreader.net/AACM_vpr/819

Apontamentos conclusivos

A amostragem de cartas acima provém de uma seleção pontual que atende ao recorte encetado, ante uma documentação múltipla e fragmentada. O evidente caráter seletivo e limitado de seu alcance, no entanto, dá elementos para que o leitor perceba as formas de entrada e de problematização de um arquivo pessoal na produção e na difusão do conhecimento científico, em particular da história literária. A maioria da correspondência é datada do início dos anos 1940, em meio à Segunda Guerra mundial, e revela um arco de relacionamentos fora do país mantido pela escritora em exame, seja em tratativas de ordem pessoal, seja profissional, e muitas vezes na conjunção das duas esferas.

O enquadramento da escritora, com base nesses seis documentos pinçados do seu fundo e, em especial, da rubrica literatura, fornece subsídios para redimensionar a vida literária da escritora e as condições de seu processo de internacionalização. Sabe-se que parte dos atributos para a reputação construída no exterior deve-se ao capital social e ao cabedal cultural acumulados por essa mulher ao longo das décadas, expoente das belas-letas desde os anos 1910, pertencente às elites econômicas do país, em específico à produção de ferro em Minas Gerais, capaz de circular para além do seu território de origem.

Outra parte desse fenômeno de trânsito entre editores, professores e escritores no Brasil e nos Estados Unidos era condicionada pelo contexto histórico, do ponto de vista dos interesses políticos advindos do chamado panamericanismo, vigente também na área da cultura desde a virada para o século XX, e com características específicas adquiridas pela conflagração bélica mundial entre 1939 e 1945. Tais vicissitudes ocorriam de igual maneira em função do desenvolvimento dos meios de comunicação, de impressão e de transporte no período.

Nessa configuração, vigia o uso dos correios para fins comunicativos em longas distâncias, para negócios ou até mesmo para diplomacia cultural. Isso tornava possível a publicação de impressos em parcerias internacionais, que ganhavam celeridade com as viagens de avião, a substituir formas pretéritas de deslocamento. O próprio zepelim utilizado por Ana Amélia na década de 1930 para seu longo périplo seria um exemplo da transição técnica entre os transportes marítimos e os aéreos. No âmbito das publicações, as enciclopédias de divulgação do conhecimento, mencionadas nas cartas acima, exemplificam tal intensificação, propiciadora da constituição de redes internacionais na literatura.

Concluimos com o endosso de que os acervos pessoais facultam o redimensionamento de autores e de obras cristalizadas nas narrativas de histórias literárias nacionais. O caso de Ana Amélia, insulada no parnasianismo e nas formas clássicas de praticar a rima na poesia, é emblemático da capacidade

dos arquivos de rever visões consolidadas, para não dizer estereotipadas, da historiografia na literatura, em suas tradicionais abordagens “internalistas” ou “externalistas”.

A ênfase nos meios e nos processos de fazimento encontra um locus especial nos arquivos, consoante as advertências quanto aos riscos positivistas de sua reificação ou fetichização, em consonância com o que a crítica foucaultiana legou desde os anos 1970 na filosofia e nas ciências humanas. Contudo, as políticas de arquivamento permitem ao historiador acessar novamente uma produção literária sob essas contingências, reinscrevendo os autores como portadores de valores de seu grupo social e de seu mundo intelectual. Tal quadro possibilita ir além de uma apreensão individualizada dos literatos, de uma narrativa esquemática e sequencial ou de uma conformação pronta e acabada, sob a forma do produto material ou do bem cultural que é o livro.

A decomposição de suas partes, como intentamos aqui ao expor a trajetória, a documentação e as características gerais da poesia de Ana Amélia, é possibilitada graças à pesquisa em instituições arquivísticas. Elas constituem-se, pois, em um espaço propício para a renovação das produções de conhecimento nos estudos literários, desde os escritores consagrados até aqueles usualmente chamados de “esquecidos”, conforme procuramos apresentar neste texto por meio do caso de Ana Amélia, em remissão ao gênero epistolar e ao exame de suas redes internacionais de sociabilidade.

Referências

- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 21, p. 9-34, 1998.
- CASANOVA, Pascale. *A república mundial das letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- CASTRO, Celso; SPOHR, Martina; BLANK, Thaís (org.). *Arquivos pessoais: experiências no Cpdoc*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2024.
- CASTRO, Fernando Vale. *Pensando um continente: a Revista Americana e a criação de um projeto cultural para a América do Sul*. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.
- CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis: historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CHARTIER, Roger. *Materialidade do texto e expectativas de leitura: concordâncias ou discordâncias?* In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de; MAIA, João; PINHEIRO, Cláudio (org.). *Ateliê do Pensamento Social: métodos e modos de leitura com textos literários*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2016.
- CPDOC. *Metodologia de organização de arquivos pessoais: a experiência do Cpdoc*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- DUARTE, Constância Lima. *Arquivos de mulheres e*

SEM NOME

Arquivos pessoais e a produção de conhecimento em história literária: as redes internacionais de literatura no Acervo Ana Amélia de Queirós Carneiro de Mendonça

- mulheres anarquizadas: histórias de uma história mal contada. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 30, p. 63-70, 2007.
- GOMES, Ângela de Castro. Essa gente do Rio: os intelectuais cariocas e o modernismo. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 62-77, 1993.
- HARDMAN, Francisco Foot. Antigos modernistas” In: NOVAES, Adauto (org.). *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- HOLLANDA, B. B. B. Arquivos literários e história social da literatura no Brasil: o caso da escritora Ana Amélia Carneiro de Mendonça”. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 39, n. 80, p. 1-43, maio/ago. 2023.
- MENDONÇA, Ana Amélia de Queirós Carneiro de. *Quatro cantos do planeta no tempo do zeppelin*. Rio de Janeiro: Edições Arquimedes, 1976.
- MENDONÇA, Ana Amélia de Queirós Carneiro de et. al. *O bandeirante do ferro*. Guanabara: Arquimedes, 1970.
- MALATIAN, Teresa. Cartas – narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 195-222.
- MARQUES, Reinaldo. *Arquivos literários: teorias, histórias, desafios*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2015.
- MICELI, Sérgio. *Lira mensageira: Drummond e o grupo modernista mineiro*. São Paulo: Todavia, 2022.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Coelho Netto: um antigo modernista*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2016.
- SILVA, Marcelino Rodrigues da; CABRAL, Cléber de Araújo (org.). *Escavações e impressões: escritos sobre acervos literários e memória cultural*. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2018.

Recebido em 25/7/2024

Aprovado em 24/10/2024